

# A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O VIÉS DA EDUCAÇÃO COMPARADA: REFLEXÕES SOBRE BRASIL E CUBA

Mda. Carolina Machado de Oliveira<sup>1</sup>

Dr. Adolfo Ramos Lamar<sup>2</sup>

## Resumo

*Este trabalho versa sobre a Educação Comparada na formação de professores de Educação Física e traz alguns apontamentos sobre a experiência cubana na formação docente. Desta forma, é objetivo deste estudo refletir a formação de professores pelo viés da Educação Comparada. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura acerca das palavras chaves. Assim, acredita-se que por meio da Educação Comparada, e deste modo, do conhecimento de realidades alheias às nacionais, seja possível ampliar a compreensão de questões que quando observadas dentro de seu próprio contexto podem passar despercebidas ou sem solução aparente.*

**Palavras-chave:** Formação de professores. Educação Comparada. Cuba. Educação Física.

## Resumen

*Este artículo describe la Educación Comparada en la formación docente y tiene algunas notas sobre la experiencia cubana en la formación docente. Así, el objetivo de este estudio refleja la formación de profesores desde la perspectiva de la Educación Comparada. Para ello, hemos realizado una revisión bibliográfica sobre las palabras claves. Por lo tanto, se cree que a través de la Educación Comparada, y por tanto el conocimiento de la realidad fuera de la nacional, es posible ampliar la comprensión de los problemas nacionales que cuando mirados dentro de su propio contexto pueden pasar inadvertida o sin solución aparente.*

**Palabras clave:** Formación del profesorado. Educación Comparada. Cuba. Educación Física.

## Abstract

*This paper describes the Comparative Education in Teacher Education and Physical Education provides some notes about the Cuban experience in teacher education. Thus, the purpose of this study reflect the training of teachers from the perspective of Comparative Education. For this, we performed a literature review about the keywords. Thus, it is believed that through the Comparative Education, and thus the knowledge of realities outside the national, it is possible to broaden the understanding of issues when viewed within its own context may go unnoticed or without apparent solution.*

**Keywords:** Teacher training. Comparative Education. Cuba. Physical Education.

<sup>1</sup> Graduada em Educação Física e Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado em Educação, da Universidade Regional de Blumenau – FURB (PPGE/FURB).

## INTRODUÇÃO

A temática “formação de professores” é destaque em diversos periódicos de Educação, assim como de Educação Física, e sua abordagem se desenrola nos mais variados aspectos, seguindo distintos vieses quanto às formas de discussão.

O que este trabalho se propõe a dissertar é sobre a formação de professores na perspectiva da Educação Comparada, inferindo que esta última possa acrescentar nas discussões até aqui desenvolvidas. Desta forma, é objetivo deste estudo pontuar as possíveis contribuições que a Educação Comparada pode vir a acrescentar à problemática da formação de professores em geral e em especial de Educação Física, trazendo a experiência cubana para este contexto. Para a o alcance do objetivo proposto, foi realizada uma revisão de literatura acerca das palavras-chave: formação de professores, Educação Comparada, Cuba e Educação Física, de forma que o enlace destas possibilitasse o desenvolvimento da discussão aqui apresentada. Cabe assinalar, que parte das considerações pontuadas neste trabalho são um recorte de nossa pesquisa de campo realizado em fevereiro deste ano<sup>3</sup> e da revisão bibliográfica pertinente a esta.

Para uma melhor compreensão do estudo, procurou-se inicialmente apresentar algumas ideias concernentes ao campo de estudos e disciplina denominada Educação Comparada, ilustrando assim, a historicidade desta área e seu objeto de estudo. Em um segundo momento, algumas considerações acerca da formação de professores são tecidas, com o intuito de abordar os diálogos possíveis entre Educação Comparada e formação de professores, para em seguida discorrer sobre alguns pontos da formação específica em Educação Física.

Após estes primeiros apontamentos, o estudo aborda sobre a formação de professores em Cuba e traça um sucinto paralelo com a educação brasileira e dentro dela a Educação Física.

## A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO COMPARADA

Falar em Educação Comparada não é algo comum nos currículos universitários. Apesar do termo já ser antigo em terras brasileiras, ainda assim, é comum as pessoas indagarem o porquê de se estudar sistemas educacionais alheios aos seus.

De modo sucinto, pode-se dizer que as primeiras pesquisas assim denominadas surgiam por volta de 1817, sendo apoiadas pelos Estados. Estes tinham o intuito único de copiar o que havia de interessante em outros países para a aplicação imediata na realidade nacional. As primeiras pesquisas tinham cunho meramente descritivo e se apoiavam na ideia de comparar para classificar em certo e errado, aproveitável e refutável, etc. Nestas primeiras experiências, observa-se claramente a perspectiva positivista impregnada na concepção de comparar.

---

<sup>3</sup> As considerações a respeito da educação em Cuba são fruto da pesquisa de campo realizada em fevereiro de 2010, como parte integrante da dissertação do primeiro autor, ainda em andamento, intitulada “A Educação Física na América Latina: um estudo da iniciação esportiva em Cuba”, a ser apresentada ao PPGE/ FURB.

Marc-Antonie Jullien (1775-1848), considerado como o pai da Educação Comparada, sustenta em sua obra (1817 apud HANS, 1971) que a educação deveria se tornar uma ciência positiva, ao invés de ser controlada por opiniões estreitas e limitadas aos caprichos de seus administradores. Defendia ele que, por meio de quadros analíticos bem estruturados dos sistemas nacionais de ensino e pela comparação dos mesmos, poderia chegar-se ao princípio universal que rege os sistemas nacionais de ensino.

Com o passar do tempo, novos pesquisadores surgiram no campo da Educação Comparada e a mesma sofreu, e continua a sofrer, uma constante ressignificação. Percebe-se nas palavras do inglês Michael Sadler (apud HANS, 1971, p.5-6) certo amadurecimento descrito na cautela de se pesquisar uma realidade educacional diferente ao pesquisador, sem deixar de considerar a importância de saber o que acontece nos outros sistemas educacionais de ensino.

Não podemos vagar ao nosso bel-prazer entre os sistemas educacionais do mundo, comportando-nos como uma criança que, tendo colhido uma flor de uma planta e algumas folhas de outra ao passar por um jardim, espera obter uma planta viva ao enterrá-las juntas no jardim da sua casa. Um sistema educacional é uma coisa viva, o resultado de lutas e dificuldades esquecidas e de batalhas que se deram no passado. [...] Mas, se com um espírito aberto procuramos entender o real funcionamento de um sistema de educação estrangeiro, não nos tornaremos mais aptos a compreender o espírito e a tradição do nosso próprio sistema nacional de educação, não nos tornaremos mais sensíveis aos ideais não escritos, mais aptos a captar os sinais que indicam a sua influência crescente ou decrescente, mais prontos a reconhecer os perigos que o ameaçam e as manobras sutis das mudanças prejudiciais?

Goergen (1991, p.17) ressalta o quanto faz-se imprescindível que os educadores conheçam outras realidades educacionais, em especial a realidade educacional latino-americana, pois “trata-se de conhecer melhor aquilo que nos está mais próximo e de fazer o que, no momento, temos condições de fazer”. Podemos acrescentar ainda, que conhecer a realidade educacional próxima a nossa pode ser uma forma de nos libertarmos do colonialismo que insiste em manter o norte ou a Europa como referenciais supremos, ignorando o que se faz com países de condições econômicas, sociais, políticas e culturais semelhantes às nossas.

Ao encontro da proposta de estudar outras realidades educacionais, Oliveira (2007) em sua tese de doutorado, corrobora que a abordagem comparativa tem o intuito de dar respostas a perguntas não esclarecidas quando formuladas dentro do próprio contexto, ou seja, pela análise de processos distintos pode-se vir a iluminar alguns aspectos importantes que tenderiam a permanecer obscuros na medida em que fossem abordados em sua experiência específica, isolada do contexto geral.

Com o intuito de agregar conhecimento e instigar reflexões à formação de professores que a Educação Comparada se insere ou poderia se inserir, e é diante disto que esta pesquisa se estabelece. Nas palavras de Bonitatibus (1989, p.14) “sempre que tomamos nossa própria cultura como ponto de referência, tenderemos a centrar nela todas as nossas reflexões, deixando de considerar aspectos e dimensões que apenas uma visão mais abrangente e diferenciada poderia nos assegurar”.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Ao encontro da proposta deste estudo, dissertar sobre a formação de professores e as possibilidades de contribuição que a Educação Comparada pode oferecer, Goergen e Saviani (1998) estão convictos de que olhar a experiência internacional pode clarear problemas antigos no que se refere à formação de professores, problemas estes, que há décadas estão presentes nas mesas de discussão sem, contudo, apresentarem soluções efetivas.

Ainda na perspectiva dos autores, recorrer ao viés da Educação Comparada é pertinente quando se percebe que há problemas recorrentes na formação de docentes nos mais diversos sistemas educacionais, sejam eles em países considerados mais avançados ou não, o que reforça a ideia de que o olhar internacional ganha chão comum e que, enriquecido pelo debate e pela discussão, pode apontar caminhos diferenciados e gerar novas ideias.

Para que a Educação Comparada se efetive nos currículos universitário, é necessário anterior a isso incorporar na docência o “hábito” de se fazer pesquisa. Isso inclui mestres e acadêmicos. A respeito da importância da pesquisa, Pimenta (2002, p.22) comenta que “a partir da valorização da pesquisa e da prática no processo de formação de professores, propõe-se que esta se configure como um projeto de formação inicial e contínua articulado entre as instâncias formadoras (universidade e escolas)”.

A autora destaca desta forma dois pontos cruciais no processo de formação inicial: a pesquisa e a prática<sup>4</sup>. No seu entendimento, ambas atividades favorecem momentos de reflexão, pois entende-se que aliar a prática, desde os primeiros estágios de graduação, assim como a pesquisa, permite que o futuro educador amplie sua compreensão acerca do ambiente pedagógico no qual vai lecionar, especialmente, quando este se dá no ambiente escolar, como é o caso de quem vai atuar com o componente curricular Educação Física.

Assim, o educando estando em contato com a realidade educacional (não só no momento de estágio final, mas ao longo de todo o processo) poderá refletir quanto às contradições existentes na escola e no ato de educar, trazendo suas angústias e suas inquietações para sala de aula a fim de debater com os colegas por meio das experiências compartilhadas. A partir disto, o confronto da visão acadêmica com a experiência na realidade empírica pode resultar em uma maior reflexão sobre a função e o papel do professor, aqui no caso, do professor de Educação Física, dentro da escola e da estrutura social com um todo.

O contato com o chão de escola e com os diversos ambientes de aprendizagem de que lança mão a Educação Física, como escolinhas de esporte, clubes e demais instituições, acontece de certa forma nas vivências de estágios durante a graduação. Entretanto, percebe-se que os momentos em que o acadêmico está em contato com o ambiente escolar parecem não estarem sendo aproveitados para instigar a reflexão, resumindo-se muitas vezes o estágio a uma necessidade burocrática curricular.

A partir do exposto, pensar a formação de professores diferente do modelo fragmentado que separa teoria e prática, implica considerar a práxis como sendo uma alternativa efetiva na construção não só de quadros especializados para a docência, mas

---

<sup>4</sup> Neste estudo o conceito de prática é compreendido no sentido de práxis, conforme descreve Vásques: “atividade teórico-prática [...] tem um lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático, com a particularidade de que só artificialmente, por um processo de abstração, podemos separar, isolar um ou outro” (VÁSQUES, 1968 apud PIMENTA, 2001, p.67).

na formação de indivíduos dispostos a atuarem desde cedo na transformação da realidade educacional e, por sua vez, na mudança da macroestrutura social.

## **FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Na área de conhecimento Educação Física ocorreu/ocorre o que Kunz (2004) chama de “tutelamento” esportivo dos Países industrializados sobre os Países do terceiro mundo ou em desenvolvimento. Em concordância com isso, a literatura que aborda os percursos históricos da Educação Física apresenta que a mesma sempre esteve à mercê de concepções e ideias que não partiam de atores sociais brasileiros e sim de “experts” que tampouco levavam em conta nosso contexto histórico, político, social, econômico e cultural na aplicação de suas metodologias e conteúdos de ensino.

Como resultado dessa colonização, tem-se a infiltração crescente do esporte normatizado, principalmente o de rendimento, na Educação Física brasileira. Não causa espanto que o mesmo se manifeste também de forma hegemônica nas matrizes curriculares que sustentam os cursos superiores de Educação Física.

O fenômeno esporte aparenta ser a única manifestação da cultura corporal, pelo menos no viés prático-operacional, e a naturalização desta visão tanto na escola quanto na academia é que deve provocar alarde, pois com o advento dos Jogos Olímpicos em nosso país, ela tende a se fortalecer, o que, de certa forma, desconstrói parte do que já foi conquistado mediante duas décadas de debate.

As discussões que instigam os educadores a repensarem e re(significarem) suas práticas para além do fenômeno esporte, ainda que não se mostrem uma constante nos cursos de graduação, perde força à medida em que este mesmo discurso se aproxima da realidade empírica do ambiente escolar. Pautadas em aulas de caráter técnico-esportivo, as aulas que se realizam na escola básica não diferem em muito das aulas realizadas no ambiente acadêmico, visto que a matriz curricular que forma estes professores canaliza sua fundamentação de forma semelhante ao que ocorre na realidade escolar: o esporte reinando hegemonicamente, enfatizando uma monocultura, com destaque para os esportes coletivos tradicionais, tais como o basquetebol, o handebol, o voleibol e o futebol/ futsal já mencionados, em detrimento de outras práticas corporais e até mesmo de outros esportes. Fica o esporte subentendido a um conjunto de regras a serem cumpridas e fundamentos técnicos a serem executados, não logrando ele reflexões de ordem sociológica, filosófica, antropológicas e carecendo de ações na esfera conceitual e atitudinal, pois contempla apenas o plano procedimental/operacional, o saber-fazer.

Se outrora a história apresentou a relação professor-aluno em Educação Física como a de professor-instrutor e aluno-recruta, fazendo alusão ao período denominado militarista, ainda conservamos o que a posterior veio a constituir-se na relação professor-treinador e aluno-atleta, em concordância com os anseios da instituição esportiva (COLETIVO DE AUTORES, 1993).

Kunz (2006, p.16) alerta para a última reformulação curricular ocorrida nos cursos de graduação, apontando que apenas separando-se Licenciatura e Bacharel não se resolve questões comprometidas com o “se - movimentar humano” das aulas de Educação Física.

A formação em Licenciatura, por sua vez, possibilita que o curso seja realizado, inclusive, em três anos, voltando ao que era antes da Resolução

03/87, com uma formação excessivamente técnica, sem compromisso com a pesquisa nem com uma formação político-pedagógica para a radical transformação. A questão da formação de um profissional que atue na escola e seja capaz de se apropriar das mais avançadas pedagogias e ciências educacionais para relacioná-las com sua especificidade, o “se - movimentar humano”, mais uma vez não foi lembrada. Assim, o que fica dessa “reformulação curricular” é um bacharelado, para atuar fora do contexto escolar, e um outro, com pequenas diferenciações, que atende pelo nome de Licenciatura, para a escola. O profissional desta última continuará agindo exatamente da mesma forma, com os mesmos valores e compromissos de um profissional que atua fora do contexto escolar. Diferenças se relacionam muito mais às condições materiais que, em geral, são piores, justamente, na escola.

Por isso então, a urgência de se rever as matrizes curriculares que sustentam os cursos de graduação em Educação Física, principalmente a Licenciatura, para que o paradigma ainda presente seja superado. Deve partir desde a formação do professor o engajamento em uma prática pedagógica que contribua efetivamente para uma “aprendizagem social” (BRACHT, 1992).

É importante esclarecer que a crítica aqui manifesta não tem o intuito de concentrar esforços em eliminar o esporte dentro da escola. O que cabe aqui são reflexões que sugerem outro modo de efetivar as tão almejadas mudanças no componente curricular Educação Física, partindo das concepções que se definem progressistas, entre elas a crítico-superadora e a crítico-emancipatória.

Portanto,

Nessa perspectiva o Esporte, enquanto tema da cultura corporal, é tratado pedagogicamente na Escola de forma crítico-superadora, evidenciando-se o sentido e o significado dos valores que inculca e as normas que o regulamentam dentro de nosso contexto sócio-histórico (COLETIVO DE AUTORES, 1993, p.41).

Ainda neste sentido, para Kunz (2006, p.19):

Nosso *playdoyer*, por uma Pedagogia Crítico-Emancipatória para a Educação Física, busca, além dos aprofundamentos teóricos anteriormente referidos, engajar-se, mais uma vez, na crítica bem fundamentada sobre a Educação Física que tem o esporte como prática hegemônica, ou então, que tem o ensino de movimentos, esportes e jogos com o único sentido de compensar a falta dessas atividades no modelo do atual “mundo da vida”, promovendo, assim, saúde, e prevenindo doenças.

Com o propósito de reinventar a forma de conceber a Educação Física e dentro dela o esporte, que a Educação Comparada pode se inserir a fim de propiciar aos docentes e futuros docentes da disciplina possibilidades de discussões que extrapolam fronteiras geográficas. Trata-se de perceber como o Outro trata as questões de cunho pedagógico e como nós nos percebemos nesta e em nossa realidade, desconstruindo preconceitos e re(significando) a prática pedagógica em um movimento de auto-reflexão.

## A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CUBA

Cuba é um país que a maioria das pessoas conhece a partir da imprensa. Ciente disto, não causa estranhamento que estas mesmas pessoas neguem ou indaguem a relevância de se estudar este país. Se conceber a Educação Comparada como possibilidade de enriquecimento no conhecimento educacional é um “problema”, colocá-la em ação tendo Cuba como foco torna-se um problema maior ainda.

O que se diz sobre Cuba revela em grande medida com que lentes a estão olhando, que ideologia nutre esses olhares, de que lugar se está olhando Cuba. Daí seu caráter paradigmático, não como modelo de socialismo, mas como desafio para os olhares, para os valores e para a sensibilidade política de quem olha (SADER, 2004 apud SILVA, 2008, p.58).

Portanto, escolher Cuba para dissertar sobre qualquer tema é um ato, no mínimo, de bravura e coragem, haja vista os inúmeros entraves que se colocam diante da investigação. Muitos empecilhos se devem em virtude da dificuldade de comunicação, do acesso às informações e da tecnologia disponível para isso dentro do país. Outras questões se referem ao preconceito instaurado pelo imperialismo, que veicula a falsa informação de que naquela ilha, que tem a frente um ditador, só há fome, censura, pobreza e violência, desta forma não ficando compreensível para a população em geral, o que um povo carente pode ter a nos mostrar em questões de educação, saúde e igualdade social.

Para mostrar exatamente “a vantagem acadêmica de Cuba<sup>5</sup>”, perante outros países de condições econômicas bem superiores, que Carnoy (2009) realiza seu estudo. Utilizando da abordagem comparativa, o autor reflete sobre os principais norteadores da qualidade em educação, contrastando Cuba, Brasil e Chile.

Carnoy (2009, p.15) parte da constatação de que os alunos cubanos se saem melhor nas provas mundiais de matemática e letras muito mais do que os demais alunos latinoamericanos e indaga “*O que será que acontece nas escolas cubanas e que não acontece nas escolas chilenas e brasileiras?*”. Uma primeira constatação, e talvez a mais decisiva, está na importância que se atribui à educação em uma sociedade revolucionária.

Parafraseando Telles (2002), faz-se imprescindível, quando se estuda um sistema educacional, contextualizá-lo na sociedade em que está inserido, como ela se organiza e porque organizou a educação de tal forma e não de outra. Trata-se basicamente de respeitar a máxima da Educação Comparada de não importar modelos estrangeiros para aqui copiá-los ou refutá-los e sim, compreender as causas e os determinantes explícitos e implícitos do sistema educacional em questão, para então, por meio da reflexão que o outro me possibilita, considerar aspectos e dimensões que outrora passaram despercebidos.

Seguindo essa premissa, Carnoy (2009, p.45) aponta que:

Há diferenças significativas nos contextos sociais dos seus sistemas educacionais e isso, certamente influencia a maneira pela qual a educação é organizada. [...] Mas também precisamos diferenciar os fatores que podem ser adaptados ao Brasil e ao Chile daqueles que são tão integrados ao sistema

<sup>5</sup> CARNOY, Martin. A vantagem acadêmica de Cuba: por que seus alunos vão melhor na escola. São Paulo: Ediouro, 2009.

político e social cubano e que podem não funcionar nos outros dois países, a não ser que estes passassem por uma mudança social radical.

Educação em Cuba não é só discurso, é uma prioridade. Diferentemente do que ocorre no Brasil, a educação de qualidade já é percebida desde a mais tenra idade de escolarização. E, sendo os pisos salariais baixos de maneira geral, as carreiras de licenciatura e pedagogia são valorizadas tanto quanto outras carreiras ou até mais. Com isso, é facilitado o ingresso de estudantes que almejam ser professores, conseguindo o magistério recrutar os melhores alunos do ensino médio. Dessa forma, Carnoy (2009, p18) assevera que “uma das chaves para o sucesso cubano em educação é o recrutamento, para o magistério, dos melhores alunos do ensino médio e a excelente formação que lhes é dada, ao redor de um sólido currículo.”

Sendo Cuba uma sociedade revolucionária, assim auto definida, não tardou para que a educação se tornasse uma atividade de “linha de frente” ganhando o magistério muito prestígio e ficando a carreira de professor muito cobiçada. Com uma estrutura social que visa isso, o professor cubano é, em tese, melhor na sua atuação porque tem uma formação que vigora forte, consistente e de maior conteúdo desde o ensino fundamental, o que se confirma também no ensino médio. Historicamente, no Brasil, o Estado nunca se comprometeu em oferecer uma educação de qualidade para a maioria de sua população (CARNOY, 2009).

Além disto, a alta qualidade na educação decorre do fato dos estudantes acadêmicos estudarem muita teoria, porém se concentrarem muito mais no estudo da efetivação dos conteúdos enquanto formas de interagirem o conteúdo com o aluno (CARNOY, 2009). Este aparente paradoxo entre teoria e questões práticas não se encerra na discussão do que é mais propício para um aprendizado de melhor desempenho, pois remete-se ao que anteriormente foi discutido neste texto, quando pontuou-se o conceito de práxis como o mais profícuo para uma educação de qualidade.

O que acontece em Cuba e que não acontece por aqui, em virtude principalmente dos distintos contextos sociais, é que lá o sistema escolar é acompanhado de perto pelo Estado, com a formação inicial estando na pauta de prioridades. Trata-se de formar professores bem qualificados que, por sua vez, contribuirão na educação dos jovens e, assim sendo, no triunfo da Revolução. A estratégia que o país socialista utiliza para melhor formar seus professores está em, desde cedo, colocar o acadêmico em contato com a realidade escolar, com ele estando frequentemente à frente do processo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa entende que tem-se na Educação Comparada uma das possibilidades de ampliar as relações existentes entre diferentes países, mas, sobretudo, acredita na contribuição que a discussão que perpassa pela Educação Comparada e por meio dela pode incutir no debate que envolve a formação de professores, salientando o quanto o conhecimento de uma realidade diferente pode agregar na formação do futuro educador ou até mesmo do professor já graduado em sua formação permanente.

Com o olhar de quem está disposto a aprender com realidades distintas, o estudo trouxe da realidade de Cuba uma pequena amostra de sua experiência na formação de professores, com o intuito de refletir a formação inicial brasileira.

Cuba é destaque mundial não por acaso. Os 50 anos que completou recentemente a Revolução Cubana mostram o quanto o país já alcançou em termos de resultados educacionais e o esforço que tem sido feito para manter os padrões de igualdade ao acesso da educação de qualidade. O quadro que encontrou a Revolução, antes de seu triunfo, era de uma exclusão educacional gritante. Com a tomada do poder pelos irmãos Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos, as primeiras medidas que foram tomadas diziam respeito à educação.

No Brasil, de maneira geral, persiste nos cursos de licenciaturas o direcionamento de primeiro repassar ao educando, futuro professor, todo o “conteúdo” previamente apresentado no currículo, para que ao final o aluno “coloque em prática” todo este conhecimento ao elaborar um relatório de estágio como requisito parcial para a obtenção do título de professor. Os estágios já estão distribuídos ao longo da matriz curricular, no entanto, sua orientação é que aparenta ser frágil e desconexa do objeto de tal prática, pois o que se observa é o baixo aproveitamento das vivências realizadas fora da universidade.

Estas questões decorrentes da fragmentação do conhecimento, percebidas como cruciais na formação docente, podem ser superadas na medida em que os momentos de estágio se tornem, de fato, momentos de articulação teoria/ prática, em momentos de práxis. Essa proposta só ganha forma no momento em que Estado e instituições de ensino estiverem cientes do papel que devem desempenhar. O Estado, com uma exigência maior das instituições formadoras de professores, assim como, prestando um maior acompanhamento à elas e a estas, ressignificando as atividades vivenciais de estágio, ampliando os momentos de inserção do acadêmico na realidade escolar e instigando nele o debate constante entre a formação e a realidade empírica.

Espera-se que a presença da Educação Física e da Educação Comparada em uma mesma discussão possibilite aos profissionais de Educação Física vinculados à formação de professores na área, novas reflexões que impactem em novas formas de tratar temáticas por vezes não esgotadas, mas já desgastadas por discursos sem novidades. Da mesma forma, acredita-se que é interessante acrescentar à formação do professor maneiras diferentes de conceber e pensar a Educação Física, observando os diferentes contextos em que ela se insere, quer eles internacionais ou nacionais, pois um mesmo país ou uma mesma região pode apresentar contrastes expressivos no que tange à ação docente e o desenvolvimento da Educação Física.

## REFERÊNCIAS

BONITATIBUS, S. G. **Educação comparada: conceito, evolução, métodos.** São Paulo: EPU, 1989. Coleção temas básicos de educação e ensino.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

CARNOY, M. **A vantagem acadêmica de Cuba: por que seus alunos vão melhor na escola.** São Paulo: Ediouro, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1993.

GOERGEN, P. L. Educação comparada: uma disciplina atual ou obsoleta? **Pro-Posições**, Campinas, RJ, v.2, n.3, p. 5-20, dez, 1991.

GOERGEN, P.; SAVIANI, D. (Org.). **Formação de professores: a experiência internacional sob o olhar brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: NUPES, 1998.

HANS, N. A. **Educação comparada**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. (Atualidades Pedagógicas, 71). Tradução José Severo de Camargo Pereira. Tradução de: Comparative education: a study of educational factors and traditions.

KUNZ, E. **Educação física: ensino e mudanças**. 3. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

\_\_\_\_\_ Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva alemã do esporte. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.

OLIVEIRA, C. A. C. de. **Geografia e ensino no Brasil e em Cuba: um estudo histórico-geográfico comparado**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia Humana) USP, São Paulo.

PIMENTA, S. G. P. **O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, R. A. da. **A prevenção cubana no atendimento ao adolescente envolvido com ato infracional: uma contribuição ao Brasil**. 2008. 1 v. Tese (Doutorado) - Serviço Social, PUC, São Paulo, 2008.

TELLES, E. O. O sistema educacional cubano e suas características gerais. In:

SANTOS, M. F. **Imagens de Cuba: a esperança na esquina do mundo**. São Paulo: Zouk, 2002. p. 25-42.

**CONTATO:** Carolina Machado de Oliveira  
Endereço para correspondência:  
Rua XV de Novembro, 1176, Bloco B, ap.36,  
Bairro Laranjeiras, Rio do Sul, SC  
Cep. 89160 000  
Correio eletrônico:  
[carolinamachadodeoliveira@gmail.com](mailto:carolinamachadodeoliveira@gmail.com)